

A maior contribuição deste século

11 — 11 — 1948

"(...) Agradeço-te as notícias do Zêus. (...)

Muito grato pelas notícias de São Paulo. Ignorava que o nosso companheiro Armond fora vítima dessa prova logo às vésperas da realização que liderou com tanto entusiasmo. Se tiveres mais alguma informação dele, peço-te enviar-me, sim? O nosso amigo Sr. Spinelli, cuja visita me anuncias, não apareceu ontem. Surgirá ainda? Dar-te-ei informes. Interpretaste com muito acerto a mensagem de Emmanuel. Ele é veemente no dizer que sem burilamento das partes é impraticável o burilamento da obra.

A frase de Emmanuel reflete bem determinadas situações vividas em nosso meio. E esse extraordinário Benfeitor Espiritual nos dá a receita: primeiro o burilamento das partes, para que se possa atingir o burilamento do todo, isto é, da obra. Eis a lição para todos os empreendimentos humanos.

Podes crer que também de meu lado achei admirável aquele trecho do discurso do Vinícius. Aquela frase, Wantuil, não pode ser da Terra, porque expressa com

imenso acerto as dificuldades de nosso programa de unificação doutrinária. Estou ansioso de conhecer toda a peça. Tentarei obtê-la. O Congresso lançará algum Memorial? Seria interessante lermos o trabalho em que o Dr. Henrique Andrade faz a defesa da FEB. Sei também que alguns irmãos (...) iam apresentar uma tese contra os trabalhos de André Luiz, contendo algumas cartas copiadas de textos a mim dirigidos. Esses textos são horrores. Li-os e confiei-os ao nosso bom amigo "fogo", há tempos. É possível que revivam agora. Vamos esperar.

Vou pedir ao secretário do "Luiz Gonzaga" organizar uma lista das obras existentes na Biblioteca. (...)

(...) Agradeço a notícia da carta do Dr. Camilo Chaves. Jesus nos favoreça. Em Belo Horizonte a luta é sempre grande e intensa. (...)"

Chico menciona uma frase de Vinícius (Pedro de Camargo), sempre muito inspirado, e aguarda a peça inteira com muito interesse.

Cartas e comentários contra a obra de André Luiz chegam até Chico. Muitas cartas são endereçadas diretamente a ele e, chocado com o seu conteúdo, queima-as todas.

A obra de André Luiz causa impacto no meio espírita. A grande maioria aceita-a de imediato, encontrando ali respostas e soluções para as inúmeras dúvidas acerca da vida além da morte.

A FEB, com Wantuil de Freitas à frente, dá plena e total cobertura a André Luiz e Chico Xavier.

Essa, contudo, foi uma fase difícil para o médium.

Se atentarmos para as datas, iremos verificar que "Nosso Lar" foi lançado em 1944; logo em seguida, no mesmo ano, é editado o segundo livro de André Luiz: "Os Mensageiros"; por essa mesma época explode o caso Humberto de Campos.

Quando escreve essa carta, Chico já havia experimentado todos os embates dos primeiros lançamentos de André Luiz e o impacto do processo, cujo rumor havia cessado. Entretanto, as críticas contra André Luiz prosseguem.

A obra deste autor espiritual veio balançar cediças estruturas, destruir as ilusões dos que se apegavam às supostas delícias de um paraíso sonolento e tedioso, ou à eternidade de um inferno dantesco, do qual afinal de contas ninguém se julga merecedor.

André Luiz mexe com essas bases arcaicas. Não o inferno, mas regiões trevosas das quais não é lá tão fácil passar-se ao largo. São Zonas onde estagiam temporariamente as almas que com elas se afinizam, até que mudando o próprio tônus vibratório ascendam a outros locais da espiritualidade, que bem pouco diferem de certas universidades e hospitais terrestres.

Saber das minúcias dessas regiões e, sobretudo, que os espíritos não têm lugar "comprado" nos céus ou zonas superiores não agradou a alguns.

Allan Kardec não trata dessas minúcias da vida espiritual na Codificação — não houve tempo e nem seria o momento certo. Os Espíritos são errantes: vivem na erraticidade, eis o ponto essencial dos ensinamentos sobre o assunto. Mas toda a sólida base para as futuras notícias sobre a vida espiritual foi assentada pelos Espíritos Superiores e pelo próprio desdobramento de Kardec em seus comentários em "A Gênese", principalmente.

André Luiz surge na época exata: a 2ª Guerra Mundial chegava ao fim. Milhões de mortos; cidades inteiras destruídas; o terror dos bombardeios e dos campos de concentração — a dor atingindo o seu ápice no coração da Humanidade convulsionada. Bem apropriadas àqueles anos de horror estas palavras de Kardec: "Hoje, não são mais

as entranhas do planeta que se agitam; são as da Humanidade".

O homem estava aturdido e perdido em si mesmo.

Haveria momento mais adequado para serem transmitidas as notícias acerca da vida espiritual? Saber que as almas que partiram da Terra não apenas estão vivas, mas que trabalham, estudam, convivem, sofrem, amam, progridem, estagiando na própria crosta terrestre ou permanecendo em constante intercâmbio com os seus afetos terrenos; que o mundo espiritual não é um país de névoas, mas regiões onde existem núcleos habitacionais, colônias, cidades, centros de cultura e pesquisas, e, por outro lado, locais de trevas e agonias como estações temporárias daqueles que viveram dos instintos e do mal — tudo, tudo isso veio completar com lógica e notável bom senso os ensinamentos da Codificação.

O Consolador chegara à Terra com Allan Kardec e sua mensagem aos poucos se espalhou pelo mundo. Contudo, é no Brasil que ele vai, por fim, fixar-se. E é no Brasil que André Luiz, representando um grupo de Espíritos Superiores, se transforma em porta-voz da consolação.

Para avaliar-se a importância da obra de André Luiz, valemo-nos do jornal "O Imortal", de Cambé (PR), que em sua edição de fevereiro de 1985 traz a seguinte notícia:

"No livro "A Matéria Psi", publicado pela Casa Editora "O Clarim", o cientista Hernani Guimarães Andrade — apontado por Henrique Rodrigues como um dos poucos pesquisadores espíritas que existem no Brasil e, indiscutivelmente, o mais brilhante — confessa que, se fosse para uma ilha deserta, levaria consigo a coleção toda da série "Nosso Lar", de André Luiz, psicografada por Chico Xavier.

Por quê? Hernani assim responde: "Bem, como simpaticizante da linha científica do Espiritismo, considero-a a maior contribuição deste século, obtida por via mediúnica, para a

solução do problema da natureza do homem, hoje tão focalizado pela Parapsicologia. Fica aqui consignada, a título de registro e endossada por mim, a seguinte previsão: as obras de André Luiz, psicografadas por Francisco Cândido Xavier, serão futuramente objeto de estudo sério e efetivo nas maiores universidades do mundo, e consideradas como a mais perfeita informação acerca da natureza do homem e da sua vida após a morte do corpo físico."

I Congresso de Unificação. — A obra de André Luiz. — Cartas insultuosas

18 — 11 — 1948

"(...) Já li o trabalho dele (Zêus), referente ao Docetismo, que comparecerá em "Elos Doutrinários". Estou encantado. São páginas de profundo valor educativo. Nelas, vemos, não só a beleza fulgurante do Cristo Divino, mas também tomamos conhecimento dos conflitos multisseculares da treva com a luz. Fiquei admirado de Santo Ignacio de Antioquia (p. 47) não poder aceitar o Docetismo. E das figuras que eu mais venero no Cristianismo nascente. Aqueles "demônios do ar" a que se referem os maniqueus (p. 58), nas páginas de Zêus, são profundamente autênticos, a meu parecer. Devem constituir as "falanges das trevas" que nos rodeiam quase em todos os setores da esfera carnal. Parece incrível, mas posso dizer-te que tenho visto e ouvido semelhantes legiões das trevas em inúmeras ocasiões de minha humilde tarefa mediúnica. Não sei porquê, mas há cerca de quinze anos me aparecem e hostilizam, sem tréguas. O trabalho de Zêus é profundo e luminoso. (...)

Fiquei muito contente com as notícias que me mandaste acerca da embaixada gaúcha. É isto mesmo. Falar